
O conteúdo “A Guerra do Paraguai” no material didático: uma análise qualitativa

“Paraguayan War” content in textbooks: a qualitative analysis

Nicole Loureiro da Silva
Deyse Almeida dos Reis
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG)
Arcos- Minas Gerais

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar uma análise qualitativa do conteúdo “A Guerra do Paraguai” presente em materiais didáticos destinados ao 8º ano do Ensino Fundamental. Levando em consideração os critérios aqui definidos, a análise foi realizada de acordo com a veracidade histórica do tema. Para isso, apresentou-se um histórico da guerra com antecedentes, desdobramento e consequências além de uma breve discussão a respeito da consolidação da política do livro didático no país. O desenvolvimento da pesquisa busca salientar a importância dos conteúdos referentes a Guerra do Paraguai presente nos materiais didáticos estarem em consonância com a História.

Palavras-chave: Livro Didático; Guerra do Paraguai; Sala de Aula.

Abstract

The research aims to present qualitative content "The War of Analysis" in materials available to Paraguay 8th year of Elementary School. Considering the seized quality, the analysis was carried out according to the veracity of the theme. For this, a history of the war was presented with evolution and consequences beyond the discussion about the textbook policy in the country. The research development seeks to highlight the importance of the contents of the Paraguayan War in teaching materials that are in line with History.

Keywords: Textbook; Paraguayan War; Classroom.

1. Introdução

O livro didático tal como se conhece hoje em dia é instrumento de formação ideológica e política em que alunos e professores são mediados pelas discussões por ele propostas. Como aponta Afonso (2017, p.95), “seu texto difunde uma leitura do passado, concepções sobre o presente e projetos para o futuro”. Desse modo, o material didático assume papel de formação de consciência histórica já que dialoga diretamente com a realidade escolar e está profundamente ligado ao papel do professor, em especial o da disciplina de História. O professor de História com consciência da importância da construção de conhecimento escolar no ambiente educacional consegue contribuir para a produção de um recurso de aprendizagem, o material didático, que privilegia o conhecimento histórico, os diferentes saberes, o lugar de fala dos excluídos da sociedade o desenvolvimento cidadão do aluno ao desenvolver nele o pensamento crítico, entre outros aspectos.

É interessante apontar que o material didático nem sempre existiu nas salas de aula do Brasil. Foi necessário um longo percurso para que o material didático ocupasse o espaço que ocupa hoje. A história do livro didático na Educação Brasileira inicia através do Decreto-Lei nº 1006 no início do século XX, em 1938, que criou a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD).

Essa Comissão teve como atribuições iniciais: examinar os livros didáticos a ela submetidos e emitir parecer quanto ao seu uso; incentivar a produção ou definir orientações quanto à importação de livros; indicar os livros didáticos estrangeiros que mereciam ser traduzidos e editados pelo poder público; e promover e organizar, periodicamente, exposições nacionais dos livros didáticos autorizados pelo Ministério da Educação e Saúde (art.10) (SILVA, 2017, p.105).

Após o fim do Estado Novo, em 1956, instituiu-se a Campanha Nacional de Material de Ensino (CNME) que introduziu mudanças importantes no que diz respeito ao combate à elevação de preços. No ano de 1966, o Estado Brasileiro firmou um acordo com a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) no qual ficou estabelecido algumas responsabilidades de edições e publicações.

As políticas no campo da produção, desenvolvimento e distribuição do livro didático levadas a cabo no país até esse momento foram determinantes para a constituição e consolidação de um mercado editorial de livro didático, resultado, em boa medida, dos grandes investimentos feitos pelo Estado brasileiro no financiamento das editoras participantes desse mercado, uma vez que por meio das políticas implementadas esse Estado se tornou o principal comprador das publicações didáticas dessas editoras (SILVA,2017, p.110).

A regulamentação do Estado sob a produção e edição do material didático aponta para a garantia do controle das mesmas que sofreu algumas modificações através da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no ano de 1985, na qual estabeleceu que o Estado seria responsável somente na avaliação e aquisição das obras didáticas.

Com o passar dos anos, o Programa se estendeu para os anos e séries do Ensino Fundamental e Médio do país e disponibilizava editais com critérios definidos no qual editoras tinham acesso para fazer suas submissões.

O Decreto n.º 7.084, de 27 de janeiro de 2010 “[...] teve como característica principal consolidar processos e práticas que vinham se desenvolvendo nas políticas públicas relativas ao livro didático [...]” (SILVA, 2017, p.114). Desse modo, ficou definido que as escolas deveriam sinalizar ao MEC se tinham interesse ou não em aderir ao Programa e os materiais didáticos do PNLD poderiam ser consumíveis (reutilizados por outros alunos dentro do ciclo de uso estabelecido) ou não consumíveis (o aluno permaneceria com o material). Entre outros aspectos, um muito importante é o de que a escola e o corpo docente têm livre escolha, a adesão ao programa é facultativa e a escolha do livro didático também.

O PNLD também se destaca positivamente quanto a oferta de livros didáticos nas disciplinas que ainda não possuíam espaço tais como filosofia e sociologia, na oferta de material para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), na aquisição de obras voltadas para a educação no campo e de obras adaptadas para a Libras.

A implementação de políticas públicas para o livro didático no Brasil criou um grande mercado editorial já que o Estado se destaca como maior comprador de material didático no país. As normas e avaliações instituídas ao longo dos anos apontam para um Estado regulador e provedor do material didático, interessado em manter a qualidade e as perspectivas pedagógicas e teóricas dos materiais selecionados.

Como parte do conteúdo obrigatório da grade curricular proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)ⁱ, a Guerra do Paraguai é um assunto importante e extenso, que ocupa espaço crucial nas discussões propostas pelo professor na sala de aula. Ocorrida entre 1864 e 1870, o Brasil aliou-se a Argentina e Uruguai contra o Paraguai em uma guerra que deixou mais de 50.000 mortos brasileiros e cerca de 280.000 mortos paraguaios. A Guerra do Paraguai é vista pela História como um marco de importantes mudanças em nosso território

devido às intensas mudanças políticas e sociais ocorridas após seu fim e pela relação entre os países em especial relacionado a disputa de fronteiras.

Objetivou-se fazer uma análise de material didático no que diz respeito à apresentação deste tema no mesmo. Esperamos que este trabalho possa trazer novos questionamentos e novos caminhos para o ensino remoto e o ensino da Guerra do Paraguai para as turmas de 8º ano, de modo com que o processo de ensino aprendizagem se torne mais atrativo e criativo e que possa envolver os alunos para que ocupem de fato seu papel central nesse processo, mesmo que remoto.

2. Contextualização do tema

2.1 A Guerra do Paraguai

A História Militar tradicional sempre teve como objeto e fonte de estudo a guerra. A “história-batalha” constituiu a formação do Estado-Nação, um mito fundador. No Brasil, a conhecida Batalha dos Guararapesⁱⁱ é famosa por ser esse “mito fundador” do que hoje se conhece como Exército Brasileiro e ainda, Nação Brasileira.

No entanto, hoje se observa uma nova corrente em crescimento, a Nova História Militar. Apesar de buscar escrever uma história que privilegie os aspectos sociais, culturais e econômicos, a guerra ainda é objeto de estudo. Nos ambientes escolares militares, há a prática de utilizar a guerra para ensinar métodos de batalha e procedimentos técnico-militares. A Nova História Militar tem buscado privilegiar aspectos como estes que se encontram neste trabalho.

Sanches observa que “primeiro, a guerra não é uma categoria atemporal e universal; segundo, o campo da história militar não se esgota na guerra, que só pode ser compreendida numa perspectiva plural de relações circulares” (2010, p.7). Deste modo, observar a guerra como um fato dentre uma rede de tantos outros fatos e situações que permeiam a história não tira o espaço relevante que ela tem, mas possibilita compreender a complexidade deste fato histórico.

Ao contrário do que se imaginava, descrever a guerra como ela realmente foi, mesmo que respaldada por fotografias ou relatórios militares, não nos fará reconstituir as cenas ou as emoções. É impossível repetir a experiência do passado, embora, no discurso histórico exista a intenção e o esforço em atingir a veracidade, ele não é possível. Pesavento (2006, p.4), em contrapartida, traz a esta discussão a noção de verossimilhança em que “[...] o verossímil não é a verdade, mas algo que com ela se aparenta. O verossímil é o provável, o

que poderia ter sido e que é tomado como tal. Passível de aceitação, portanto.” Tendo estas reflexões, partiremos para a guerra em questão.

Antecedentes

Por muito tempo a historiografia, e seus historiadores, acreditaram, sem constatação documental, de que a Grã-Bretanha influenciou por motivos econômicos e se beneficiou com a Guerra do Paraguai. No entanto, como expõe Bethell (1995, p.277-280), “Um maior desenvolvimento das relações econômicas com o Paraguai simplesmente não constituía prioridade para o governo britânico ou para os industriais e comerciantes ingleses, nem para a City (Londres).” Deste modo, Bethell constata que não há evidências históricas que confirmem e sustentem a ideia de que houve influência e apoio britânico à Guerra do Paraguai assim como outros autores, por exemplo Doratioto, já destacaram. Ainda como coloca Bethell, o historiador Fornos Penalba tinha motivos suficientes para acreditar que a Inglaterra apoiou e incentivou a guerra por motivos econômicos (o governo anterior a Carlos López e o governo dele fortaleceram a economia interna e a produção industrial tornando o Paraguai um país independente e fechado a influência e ao mercado britânico).

Doratioto (2002) aponta que havia um esforço historiográfico em mitificar Solano López, passando a culpa de tão grande guerra para a Inglaterra. Essa análise é importante pois garante que este trabalho divulgue informações corretas baseadas em trabalhos teóricos que analisaram criticamente as fontes. A missão do historiador e do professor de história não é criar uma história como ela realmente foi, mas de buscar nas fontes possíveis respostas para as perguntas do presente.

Historicamente, a relação entre Brasil e Argentina sempre foi algo conflituoso devido à questão do Rio da Prata. A Guerra da Cisplatinaⁱⁱⁱ e o desgaste do governo de D. Pedro I, escreveu uma nova página na história do Brasil e sua relação com os países vizinhos. Deste modo, além da disputa dos países da Tríplice Aliança com o Paraguai, existiam disputas entre os países da Aliança já a alguns anos por questões envolvendo o Rio da Prata.

Como aponta Doratioto, o Paraguai era um país fechado à influência e contato com países vizinhos. Estabeleceu-se uma economia interna forte e com Carlos Antonio López no poder, buscou-se ampliar a participação nos acontecimentos platinos. Há ainda o conflito uruguaio que se arrastava a alguns anos e que dividia o apoio brasileiro, argentino e paraguaio:

O conteúdo “A Guerra do Paraguai” no material didático: uma análise qualitativa

Portanto, no conflito uruguaio havia forças interessadas na organização dos Estados Nacionais na Argentina e no Uruguai e durante a luta aproximaram-se os blancos uruguaio, Francisco Solano López e Urquiza, enquanto os governos argentino e brasileiro, ambos governados por adeptos do pensamento liberal, aproximavam-se, interessados na vitória de Flores. Atendendo a demandas dos fazendeiros gaúchos com interesses no Uruguai e buscando equilibrar a influência de Mitre junto aos colorados, o governo imperial interveio a favor dos rebeldes colorados (DORATIOTO, 2014, p.42).

Há ainda a questão da navegação dos rios Paraná e Paraguai, pois, como demonstra Doratioto há preocupação brasileira em uma Argentina estável pois se a situação política do território fosse marcada por contínuos embates “[...] essa situação comprometeria a segurança da navegação nos rios da região e colocaria em risco a estabilidade regional” (DORATIOTO, 2014, p.28). Defender a integridade dos territórios paraguaio e uruguaio era importante para o Império Brasileiro pois evitaria que a Argentina anexasse a seu território esses países. Há ainda a questão da disputa entre Uruguai e Argentina no que diz respeito aos blancos e colorados. Rosas apoiava os blancos e o Brasil, os colorados. Este embate era suficiente para demonstrar que existia sim uma rivalidade entre Argentina e Império Brasileiro.

A ascensão de Carlos António López ao poder no Paraguai significou um intenso desenvolvimento da economia, exportando produtos primários para os mercados da região e do mundo. Como demonstra Doratioto, durante a década de 1950, Carlos López criou diversas barreiras para dificultar a livre navegação do Império no Rio Paraguai, pois tema que se firmasse militarmente.

Existia uma grande tensão em torno da questão das fronteiras com destaque para a disputa da região do Chaco e a distensão entre Buenos Aires e a Confederação. José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, foi importante nessas negociações em especial com o Paraguai em que “[...] priorizou a garantia da livre navegação e não a definição das fronteiras, pois o território litigioso era, em grande parte, desabitado e o Brasil não tinha condições de povoá-lo naquele momento” (DORATIOTO, 2002, p.35).

Carlos López e seu filho, Francisco Solano López, estavam dispostos a lutar com o Império e com a Confederação se fosse necessário. Temiam um possível acordo entre as duas que pudesse ameaçar sua legitimidade. Há ainda a controversa questão de Buenos Aires, também temiam sua anexação à Confederação, perdendo então seu apoio. Até 1860, a Argentina se dividia em Buenos Aires e a Confederação. Somente com a vitória de Mitre em Pavón que houve a reunificação. Doratioto ainda aponta para a tensão existente na

exportação da erva mate. A ampliação das exportações paraguaias muito desagradava os estancieiros gaúchos.

Com a morte de Carlos López em 1862, Solano López finalmente chega ao poder. A nova postura paraguaia de se envolver mais nos assuntos platinos, trouxe várias tensões. Na realidade, a relação entre Paraguai, Uruguai, Argentina e o Império estavam muito conturbadas e tornou-se ainda mais complexa devido à indisposição diplomática do presidente Berro. Os países pareciam estar sempre à beira de uma guerra.

Paraguai e Uruguai mantinham relações de proximidade e este fator promoveu certa hostilidade paraguaia ao Império brasileiro. Existiam ameaças públicas a uma possível invasão no Uruguai pelo Império.

Solano López manifestava estar disposto a enviar tropas ao Uruguai, caso tropas brasileiras ali penetrassem, e, ainda, ocupar o território entre os rios Apa e Branco. Viana de Lima resistia a acreditar nisso, pelas consequências que adviriam ao Paraguai, se rompesse com o Brasil. Ao mesmo tempo esse diplomata raciocinava que Solano López, por ser tão enfático nos protestos contra a entrada de forças brasileiras em território uruguaio, 'só com uma grande humilhação poderá deixar de fazer alguma coisa' (DORATIOTO, 2002, p.61).

No início da década de 1860, o Uruguai enfrentou embates políticos internos que envolveram os países em seu entorno tais como o Brasil e o Paraguai. A guerra civil entre o Partido Blanco e o Partido Colorado dividiu o país e os interesses da população. Atanasio Cruz Aguirre, membro do partido Colorado, se envolveu em disputas com os estancieiros gaúchos que culpavam os uruguaios pelo roubo de gado. Venâncio Flores, membro do Partido Colorado entra na guerra civil. No entanto, nenhum dos dois partidos parecia ser forte o suficiente para vencer seu inimigo. Aguirre, negando os pedidos dos brasileiros para resolver a situação da fronteira com os gaúchos, entrava numa briga ainda maior. Em 12 de outubro de 1864, uma brigada brasileira invadiu o território uruguaio, fator que estreitou as relações com o ditador paraguaio Solano López e, em 11 de novembro, o Marquês de Olinda foi capturado sob a desculpa de declaração de guerra. A deposição de Aguirre foi sem dúvidas um fator que alterou o equilíbrio político da região do Rio da Prata, aliado à captura do navio brasileiro.

Desdobramento

Como a historiografia (Cf. DORATIOTO, 2002) aponta que a invasão ao Mato Grosso foi a primeira investida que oficializou o início da guerra. No plano ideológico, ela já tinha

O conteúdo “A Guerra do Paraguai” no material didático: uma análise qualitativa

tomado força através de várias acusações e ameaças de todos os envolvidos, em especial do lado paraguaio e do Império, o que justifica a invasão ao Mato Grosso. A historiografia também aponta que existia uma falha na organização da defensiva brasileira. O número de soldados nessa região era insuficiente para proteger, de fato, o território. Seria necessário um esforço maior para que o número de efetivo fosse, realmente, efetivo.

Sob ordens do coronel Barrios, 4200 homens partiram com o intuito de invadir Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso. Devido a vulnerabilidade do exército que ali se encontrava, o ataque ao Forte Coimbra foi massivo e houve perdas. As munições foram amplamente usadas, mas insuficiente para proteger o território brasileiro da invasão paraguaia. Em 4 de janeiro, Corumbá foi ocupada pelos paraguaios.

A expedição terrestre paraguaia, dividida em duas colunas, invadiu o Mato Grosso por dois pontos: pelo antigo forte paraguaio de Bella Vista, à margem esquerda do Apa, e por onde hoje se situa a cidade brasileira de Ponta Porã. O grosso da tropa paraguaia, vinda de Bella Vista sob o comando de Resquín, entrou na colônia militar de Miranda, tendo derrotado, antes, uma pequena força brasileira de cavalaria (DORATIOTO, 2002, p.104).

Se forma então, como demonstra Oliveira, dois eixos de ataque: um pelo Sul e outro pelo Norte. O ataque pelo Norte, chamado de Corpo Expedicionário em Operações no Sul de Mato Grosso partiu de São Paulo com destino a Uberaba tendo como um de seus membros nosso personagem Taunay que “embora sem armamento e efetivos suficientes para essa missão, [...] marchou em direção a Coxim, [...], durante quatro difíceis meses e enfrentando diversos problemas de saúde na tropa” (DORATIOTO, 2002, p.122). Sem homens suficientes e sem recursos... este era o panorama da tropa que saiu de São Paulo com seu destino traçado: a morte (Cf. OLIVEIRA, 2017, p.29-49.)

Em abril de 1865, sob a declaração de guerra à Argentina, a ofensiva paraguaia chega a Corrientes e ataca dois navios. Na realidade, López tinha o interesse em manter a Argentina neutra no conflito, visando seus próprios interesses. Em maio de 1865, o que era considerado quase impossível aconteceu: o Tratado da Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai. O Tratado previa a destruição do forte do Humaitá e a discussão sobre o poderio da região do Chaco Boreal, além de:

Terminado o conflito, o Paraguai deveria, segundo o artigo 14 do Tratado da Tríplice Aliança, indenizar todos os gastos de guerra feitos pelos governos aliados, bem como os danos e prejuízos causados durante o conflito às propriedades públicas e particulares por suas tropas em território dos países vizinhos (DORATIOTO, 2002, p.45).

Um ataque foi planejado para que Corrientes fosse libertada do exército paraguaio. Como previa a aliança, os argentinos e brasileiros cooperaram na ação. Aproximadamente 3 mil argentinos e 2 mil brasileiros conseguiram retirar os paraguaios. No entanto, por falta de cavalaria, a perseguição não foi possível, não foi possível localizá-los.

A conhecida Batalha do Riachuelo, na qual a vitória foi dos aliados, devolveu o controle da navegação do Rio Paraná, fator que impossibilitou a continuação da invasão paraguaia devido à dificuldade de enviar soldados e armamento. O bloqueio naval foi uma estratégia bem-sucedida.

Simultaneamente a batalha, os paraguaios marcharam em direção ao Rio Grande do Sul no qual, sob comando de Estigarribia, ocuparam São Borja, Itaqui e Uruguiana. Em setembro, Estigarribia se rende sob a forte defensiva dos aliados, cerca de 17346 soldados. Como demonstra Doratioto (2002, p.196), “entre 1866 e meados de 1867, a Guerra do Paraguai foi uma guerra de posições. Foi um período em que o Exército que esteve na defensiva levou grande vantagem sobre a ofensiva em todos os combates travados.”

A conhecida batalha do Tuiuti ocorrida em maio foi marcada por uma invasão difícil devido ao desconhecimento do terreno e das condições desfavoráveis.

Elaborada uma carta hidrográfica da região, decidiu-se que o melhor ponto para a invasão aliada do Paraguai era um trecho do rio Paraná a 2 mil metros do pequeno forte de Itapiru. A região tinha um trecho alagado, com largura de cerca de 21 quilômetros, que se estendia desde a confluência dos rios Paraná e Paraguai até o forte de Curupaiti. Havia apenas um caminho seco da margem até Itapiru que passava pela pequena aldeia de Passo da Pátria onde Solano López, vindo de Humaitá, instalou seu quartel-general. Entre essa aldeia e Itapiru, havia 4 mil soldados paraguaios, camuflados na vegetação, prontos para atacar aliados que tentassem desembarcar (DORATIOTO, 2002, p.206).

A primeira fase da guerra termina e López agora deve agir na defensiva. A conhecida batalha do Tuiuti ocorrida em maio foi marcada por uma invasão difícil devido ao desconhecimento do terreno e das condições desfavoráveis. No entanto, a vitória foi dos aliados sob muitos mortos e feridos.

Os anos que se seguem à guerra são marcados pela contraofensiva dos aliados. Entretanto, Doratioto (2002, p.314) observa que “quanto mais precária se tornava a posição militar paraguaia, mais intenso se tornou o culto à personalidade de Solano López e, de outro lado, aumentou a repressão para prevenir o surgimento de um movimento de oposição.” López concentra todas suas forças na fortaleza de Humaitá e é duramente derrotado, os

O conteúdo “A Guerra do Paraguai” no material didático: uma análise qualitativa

navios brasileiros conseguem passar a fortaleza. Tal feito causa grande euforia acreditando-se que a guerra chegava ao final.

Ainda, não podemos deixar de destacar a fuga de Solano López que se torna uma verdadeira caça. Quando Caxias deixa a guerra e conseqüentemente, sua carreira no Exército, o genro do imperador, conde D’eu, assume as tropas brasileiras e a missão de capturar o líder paraguaio morto ou vivo.

Em 1º de março de 1870, a cavalaria e a infantaria brasileiras entraram em Cerro Corá e houve feroz luta contra duas ou três centenas de soldados paraguaios. Solano López tentou fugir a galope, mas era facilmente identificável — era o único homem gordo em um Exército de esqueletos —, e na fuga foi alcançado e ferido mortalmente por um golpe de lança dado pelo cabo Francisco Lacerda, conhecido por Chico Diabo. O ditador acabou por cair nas margens do arroio de Aquidabán, recostado sobre o braço esquerdo, com a espada na mão direita, os pés dentro d’água e o corpo sobre o terreno pouco elevado da margem esquerda do arroio. Nessa posição ele foi encontrado pelo general brasileiro, que o intimou a render-se, mas que obteve como resposta a frase ‘não lhe entrego a minha espada; morro com a minha espada e pela minha pátria’. O comandante brasileiro ordenou então que a espada fosse tomada por um soldado e o esforço que este fez para tomá-la, no que foi bem-sucedido, trouxe Solano López para a água, quase tendo ele se afogado. Na descrição de Câmara, em carta para sua esposa, ‘ia ordenar que o agarrassem [ao líder paraguaio] para terra, quando um soldado dispara, por detrás de mim, um tiro que o mata’ (DORATIOTO, 2002, p.451).

A morte de Solano López causou diferentes reações, alegria em alguns, tristeza em outros. Mas deixou a marca de um homem que foi construído em torno de um símbolo, herói para alguns, monstro para outros.

Conseqüências

Como observamos, em uma guerra, embora existam vencedores e vencidos, ambos os lados perdem alguma coisa, sejam vidas, território, recursos financeiros, equilíbrio econômico ou prestígio social. A Guerra do Paraguai não seria diferente.

A população masculina paraguaia foi dizimada causando desequilíbrio entre a população paraguaia. Se não morriam no combate, morriam de fome ou de pobreza extrema. Os números divergem, mas cerca de 75% da população masculina morreu. Ainda teve grande parte do seu território devastado já que grande parte do conflito ocorreu no território paraguaio. Não podemos deixar de destacar que, como previa o acordo da Tríplice Aliança, o Paraguai deveria arcar com os custos da guerra e ainda abrir de parte do seu território a Argentina àquele referente ao Chaco Boreal. O Brasil, além de adquirir dívida externa, também teve muitos soldados mortos.

O aliado uruguaio teve pouca participação na guerra, deste modo, teve poucas perdas humanas e financeiras. A Argentina teve cerca de 18 mil soldados mortos e como aponta Doratioto:

No plano econômico, a Guerra do Paraguai foi benéfica à atividade pecuária argentina, enriquecendo alguns criadores, que se tornaram fornecedores de carne, couros e cavalos para as tropas aliadas. Os preços dos couros, por exemplo, subiram de 12,7 pesos em 1865 para mais de dezessete pesos em 1870. Entre os maiores beneficiados estava Urquiza, que acumulou uma riqueza composta de 600 mil cabeças de gado, 500 mil ovelhas, 20 mil cavalos e mais de dois milhões de acres de terra. A guerra deu impulso à produção de trigo e milho nas novas colônias agrícolas de Santa Fé e Entre Ríos. Comerciantes de Buenos Aires enriqueceram com o ouro brasileiro que chegou à cidade como pagamento de fornecimentos ao Exército imperial, e o governo argentino aproveitou para cobrar impostos de mercadorias em trânsito do Brasil para o Paraguai (DORATIOTO, 2002, p.463).

Analisando a guerra como parte do processo de formação dos Estados Nacionais, o prof. Dr. Arnaldo Lucas Pires Junior em sua tese de doutorado intitulada *Imagens em guerra: Imprensa, nacionalismo e formação do estado brasileiro na Guerra do Paraguai* demonstram como a Argentina, o Paraguai e o Império Brasileiro conseguiram desenvolver seus estados a partir da Guerra. O autor define a Guerra do Paraguai como “um rasgo fundador”, ou seja, o processo da guerra trouxe transformações no seio da sociedade e no perfil do militar, que de membro da alta sociedade passou a membro de uma instituição técnica.

Mais que qualquer transformação gerada diretamente pela Guerra, o conflito acabou se mostrando importante instrumento capaz de apontar a fragilidade das estruturas de controle e arregimentação imperiais. A constatação da impossibilidade da condução de um conflito daquelas proporções com as políticas de recrutamento historicamente utilizadas, não só demandou uma revisão dos modelos de recrutamento e organização militares, como também expôs as feridas abertas do Estado Imperial (JUNIOR, 2019, p.45).

Analisando esta colocação do autor, nos infere que a guerra, em especial a do Paraguai, revelou os diversos “defeitos” de um Império incapaz de superar as expectativas de alguns grupos da sociedade, levando ao 15 de novembro, a Proclamação da República, e a abolição da escravidão que, embora já estivesse em processo de acontecer, foi acelerada.

3. Materiais e Métodos

Para que possa fazer uma espécie de “diagnóstico” do conteúdo a respeito da Guerra do Paraguai nos materiais didáticos disponíveis para alunos e professores do 8º ano ao redor

O conteúdo “A Guerra do Paraguai” no material didático: uma análise qualitativa

do país, foi realizada uma análise qualitativa, alertando para possíveis adaptações e falhas. Para isso, foram selecionados três materiais didáticos indicados pelo PNLD 2020, sendo eles:

Quadro 1- Materiais Didáticos para Análise

Identificação	Referência
Livro 1	COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. Historiar. São Paulo: Saraiva, 3º ed., 2018.
Livro 2	VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. Teláris. São Paulo: Ática, 1º ed., 2018.
Livro 3	VAINFAS, Ronaldo, et al. História.doc. São Paulo: Saraiva, 2º ed., 2018.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Após a seleção e identificação dos capítulos referentes ao tema de interesse da pesquisa, foi realizada leitura e análise a partir dos critérios que dizem respeito a atualização do tema, recursos didáticos e imagéticos, conteúdo teórico e interdisciplinaridade, resumidamente. No quadro abaixo, encontra-se uma descrição detalhada dos critérios utilizados:

Quadro 2- Critérios da análise

Critérios
1. O assunto é apresentado de forma atualizada?
2. O livro apresenta uma definição correta do tema “Guerra do Paraguai”?
3. O tema é apresentado de forma clara e de fácil interpretação, induzindo os alunos a desenvolver senso crítico?
4. São apresentados elementos gráficos sobre o tema?
5. Se sim, possui coerência com o texto informativo?
6. Os elementos possuem legendas explicativas e estão em conformidade com o elemento gráfico?
7. As cores das imagens/figuras são compatíveis com as cores reais ou levam os alunos a terem essa percepção?
8. São identificados causas e desenvolvimento no texto?
9. Possui referências ao longo do texto ou no rodapé?
10. É identificado no texto as consequências do fim da Guerra do Paraguai?
11. Possui ligação com temas e disciplinas interdisciplinares?
12. Possui ligação do tema com outros recursos (filmes, livros etc.)?

Fonte: Adaptado MALAFAIA, et al. Avaliação do conteúdo sobre problemas ambientais em livros didáticos de Biologia, 2015.

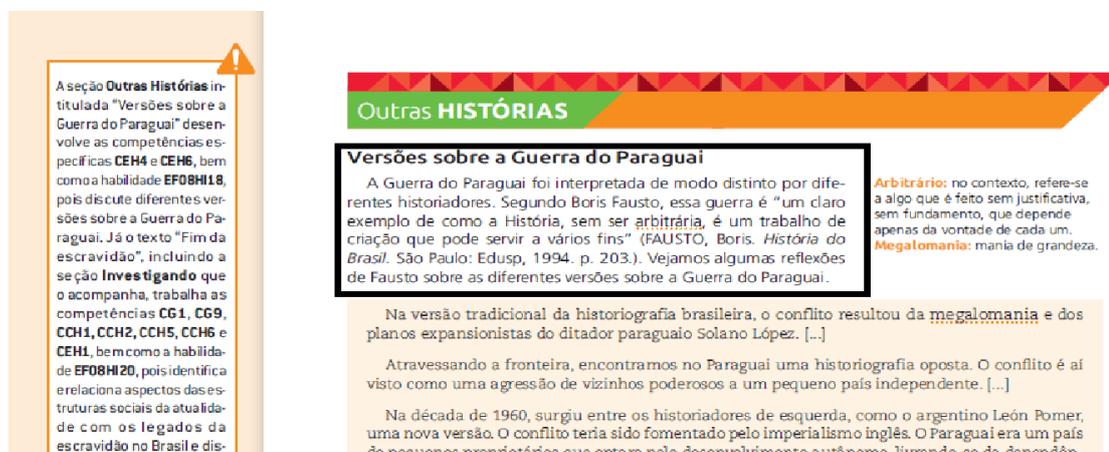
4. Resultados e Discussão

As respostas se deram de maneira objetiva sendo aceitas respostas “sim”, “não” ou “parcialmente”. Importante destacar ainda que as respostas e análise levam em consideração que o material didático se destina ao 8º ano, dessa forma, a adequação à faixa etária é importante.

O intuito dessa pesquisa e análise qualitativa não é indicar ou depreciar livros e muito menos padronizar critérios. O objetivo é o de analisar dentro das perspectivas deste trabalho e da discussão que se pretende levantar.

Os critérios 1 e 2 referem-se à apresentação do tema de acordo com os novos estudos e atualização historiográfica do tema no mundo acadêmico e de acordo com os objetivos propostos pela BNCC, especialmente àquela habilidade referente a unidade temática que diz respeito ao Brasil do século XIX: (EF08HI18) Identificar as questões internas e externas sobre a atuação do Brasil na Guerra do Paraguai e discutir diferentes versões sobre o conflito. Os três materiais em estudo apresentaram resultados satisfatórios, como se pode verificar nas Figura 1, 2 e 3.

Figura 1: Seleção do trecho referente à adequação aos critérios 1 e 2.



Fonte: Cotrim e Rodrigues (2018). Destaque realizado pelas autoras.

Figura 2: Seleção do trecho referente à adequação aos critérios 1 e 2.

O conteúdo “A Guerra do Paraguai” no material didático: uma análise qualitativa

após o fim da guerra, os historiadores passaram a questionar a visão que se tinha – principalmente no Brasil – sobre o confronto. Os pesquisadores acharam novas fontes, que levaram a interpretações diferentes das que existiam até então.

Diferentes visões

Existem duas principais visões sobre a Guerra do Paraguai na historiografia brasileira. A primeira delas, mais tradicional, afirma que, desde a sua independência, em 1811, o Paraguai experimentou um desenvolvimento crescente, com base num projeto de substituição de importações e incentivo da economia interna.

Na primeira década do século XIX, instalaram-se no país estradas de ferro, telégrafo, várias fábricas (inclusive de pólvora e armas) e uma siderúrgica. O analfabetismo foi praticamente erradicado e o controle do governo sobre diversas fazendas (as chamadas “fazendas da pátria”) permitia que toda a população tivesse melhores condições de alimentação.

Francisco Solano López assumiu o governo paraguaio em 1862.



importações: incentivo a produção industrial interna, por meio da substituição de produtos industrializados estrangeiros por nacionais.

ao uma guerra não contra o povo paraguaio, mas contra seu ditador, tendo ainda auxiliado o “país irmão” a se reerguer depois do conflito. Como se percebe, existem importantes diferenças na identificação das causas da guerra entre esses dois autores, mas o que se destaca é a afirmação categórica do segundo e a problematização do tema trazida pelo primeiro. Na realidade, a versão do livro didático brasileiro traz a versão oficial brasileira dos acontecimentos, produzida ainda na época do Império, sem identificar o momento de sua produção, antes a tomando como verdade histórica incontestável. As questões propostas têm o objetivo de provocar reflexões sobre o real papel do país na guerra,

Fonte: Vicentino e Vicentino (2018). Destaque realizado pelas autoras.

Figura 3: Seleção do trecho referente à adequação aos critérios 1 e 2.

maior paraguaio, seus recursos e o tamanho da sua população: “de tudo quanto se diz se pode, fazendo justiça, acreditar na metade”. Em abril, comunicava a mobilização de uns 7 mil homens, como reação de Solano López à aproximação argentino-brasileira. No mês seguinte ele comunicava que o exército paraguaio contava com 16.680 homens, além de cerca de 7 mil a 8 mil reservistas; a marinha contava com apenas 190 homens e outros cem recrutados em treinamento.

DORATIOTO, Francisco. *Malhada guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 63.

A interpretação dos dois textos aqui citados permite definir que o primeiro defende a concepção tradicional sobre a Guerra do Paraguai, a de que as forças paraguayas eram superiores às dos adversários, enquanto o segundo demonstra uma nova concepção, a de que o Paraguai não possuía, de fato, essa superioridade.

O 26º Batalhão de Voluntários da Pátria em ação ocorrida entre 1867 e 1868 na Guerra do Paraguai. Fotografia de autoria desconhecida. Esse batalhão era originário da província do Ceará, muito distante do inimigo Paraguai. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

se alistavam. O Império, então, lançou mão dos recrutadores, que forçavam os homens a se alistar. Não eram mais “voluntários”. Se fossem de família rica, ofereciam um escravo para servir em seu lugar. Todo escravo que fosse para a guerra substituindo uma pessoa livre era considerado liberto. Os acusados de desordem e crime, fossem livres ou escravos, eram obrigados a seguir para a guerra. Assim, muitos fizeram de tudo para ser recrutados, como praticar delitos, não trabalhar, participar de rebeliões, etc.

Quando a guerra acabou, nada do que havia sido prometido aos voluntários foi cumprido: não ganharam terras, nem empregos públicos, nem pensões. Os escravos que foram libertados, entretanto, continuaram livres.

176 ► UNIDADE 8 | Escravidão e liberdade

Fonte: Vainfas, et al (2018). Destaque realizado pelas autoras.

Como se pode observar, os três apresentam discussões de diversos autores sobre o tema, mesmo que de forma ainda introdutória, mas que é atualizada. Também foi observado que o livro 1 apresenta, conforme o 3º critério, o tema de forma clara e de fácil interpretação, sendo que os livros 2 e 3 atendem parcialmente aos requisitos pois, fazendo uma comparação ao livro 1, esses livros não apresentam o conteúdo em tópicos nem apresentam análise de mapas ou questionamentos ao longo do texto (Figura 4).

Os tópicos ajudam a organizar o texto e facilita a visualização do que se pretende apresentar ao aluno. Perguntas e questionamentos induzem ao senso crítico e facilitam a compreensão do tema. Ao apresentar um mapa e em seguida propor um questionamento, o livro 1 faz uma análise quantitativa, gerando um conteúdo de valor e não simplesmente expositivo.

Figura 4: Apresentação do conteúdo em tópicos.

Observando o mapa

- De acordo com o mapa, em que país ocorreu a maior parte das batalhas da Guerra do Paraguai?

Consequências da guerra

O conflito encerrou-se em 1870, mas o Paraguai continuou ocupado por tropas brasileiras até 1876. Não se sabe ao certo quantas mortes essa guerra provocou, mas alguns historiadores calculam que tenham morrido mais de 100 mil combatentes, entre brasileiros e paraguaios. Além disso, a Guerra do Paraguai teve consequências territoriais, econômicas e políticas no Brasil. Veja algumas delas:

- Territórios** – áreas pertencentes ao Paraguai foram anexadas ao Brasil, o que garantiu o tráfego fluvial para Mato Grosso.
- Aumento da dívida externa** – a economia foi afetada pelos gastos com a guerra. Governo e produtores passaram a depender ainda mais de empréstimos tomados no exterior, principalmente de banqueiros ingleses, o que aumentou a dívida externa brasileira.
- Fortalecimento do Exército** – depois da guerra, o Exército passou a ter um novo papel político no país. Muitos militares assumiram posições contrárias à escravidão e demonstraram simpatia pela causa republicana. Para esses militares, era absurdo manter a escravidão no Brasil, já que o país contou com negros escravizados e livres para vencer a guerra.

Fonte: Cotrim e Rodrigues (2018). Destaque realizado pelas autoras.

Conforme o 4º, 5º, 6º e 7º critérios estabelecidos, os três materiais apresentam gráficos e ilustrações compatíveis com o tema e com cores próximas a da realidade. Também possuem legendas ou textos explicativos que contribuem para a interpretação e assimilação do tema, conforme demonstrado nas Figuras 5, 6 e 7.

Figura 5: Apresentação de linha do tempo ilustrativa.

1864-1867. Outras atuaram como enfermeiras, como foi o caso de Ana Néri (1814-1880).

Observe na linha do tempo abaixo e no mapa da página seguinte as principais batalhas dessa guerra.

Imagem de Jovita Alves Feitosa. Essa jovem brasileira se apresentou como voluntária para lutar na Guerra do Paraguai. Litografia publicada no jornal *Luz e Progresso*, em 1865.

Principais batalhas da Guerra do Paraguai

1864	1865	1866	1867	1868	1868	1868
Torres Coimbra	São Borja Uruguaiana Corumbá Rachuelo	Tupiti Curupaiti	Tupiti Curupaiti Miranda	Humaitá Angostura Lomas Valentinas Itororó Aval	Asunción	Cerro Corá

Leitura complementar

Sobre a participação das mulheres na Guerra do Paraguai, recomendamos a leitura a seguir:

Nesse período, ainda não existia a profissão de enfermeira, muitas mulheres que auxiliaram os médicos não tinham nenhum conhecimento específico. Era uma missão difícil, pois não havia recursos nesses hospitais, muitas vezes falando até mesmo a orientações de um médico. [...]

Outras mulheres também serviram ao país costurando os uniformes das tropas do Exército. Foram, em sua maioria, mulheres humildes que recebiam uma baixa remuneração para prover as peças dos uniformes e assim sustentar as suas famílias. Vale ressaltar que essas costureiras tiveram grandes habilidades em improvisar quando a matéria-prima da confecção se tornou escassa. Nesse sentido, a contribuição das mulheres foi fundamental para sustentar os países por um período tão longo no conflito. Foram várias as formas de envolvimento feminino no decorrer da guerra, com funções diversificadas de acordo com seu status social. [...]

Fonte: Cotrim e Rodrigues (2018). Destaque realizado pelas autoras.

Figura 6: Apresentação de figura compatível com a realidade.

com a guerra possibilitou que o Exército brasileiro se estruturasse. Seus principais oficiais retornaram da guerra prestigiados e fortalecidos e passaram a ambicionar a modernização e o progresso do país. Para tanto, aderiram à campanha abolicionista e republicana, ajudando a derrubar a monarquia brasileira alguns anos mais tarde.



➔ Nesta charge, a rainha inglesa presta apoio à Tríplice Aliança na guerra contra o Paraguai. Observe o aspecto irônico da rainha – sentada em uma cadeira de balanço e fumando um charuto –, que se beneficiava com a continuidade dos conflitos.

2. As estatísticas sobre as perdas paraguaias na guerra variam entre 8,7% e 69% da população. Também são divergentes os cálculos sobre o número de habitantes do Paraguai no pré-guerra, que, segundo estudos recentes, variaria entre 285 715 e 450 mil pessoas. Portanto, seria entre 28 206, no mínimo, e 278 649, no máximo, a redução da população paraguaiá durante os cinco anos de guerra. In: DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldito guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 485.

Fonte: Vicentino e Vicentino (2018). Destaque realizado pelas autoras.

Figura 7: Apresentação de legenda explicativa sobre a foto.

O resultado da guerra foi ruim para todos os envolvidos. O Paraguai perdeu grande parte de seu território e de sua população, principalmente masculina. Estima-se que cerca de 75% dos homens paraguaios morreram na guerra.

O Uruguai foi o menos atingido, tanto em número de baixas, em torno de 5 mil homens, quanto em valores, pois não investiu muito em sua força bélica. A Argentina e o Brasil perderam 30 mil e 50 mil homens, respectivamente, e gastaram muito para equipar suas forças militares.

➔ Prisioneiros paraguaios durante a ocupação da capital, Assunção. Na sacada estão soldados brasileiros. Fotografia de autoria desconhecida, c. 1865. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.



Os governos brasileiros do Segundo Reinado (1840-1889) não se identificavam com a América espanhola, Hispanoamérica ou “América Latina”, e nem com os inúmeros projetos dos países vizinhos de uma união interamericana. O Brasil, com sua costa atlântica imensa, pertencia ao mundo atlântico, e suas principais ligações políticas e econômicas eram com a Grã-Bretanha, enquanto suas ligações culturais eram com a França e, em menor proporção, com Portugal. Portanto, diferentemente da maioria das repúblicas hispano-americanas, o Brasil não se sentia ameaçado pelos Estados Unidos, e menos ainda pela França e pela Espanha. As relações entre o Brasil e seus vizinhos hispano-americanos, os quais, de acordo com diplomatas brasileiros, faziam parte da “América Meridional” ou simplesmente “América do Sul”, eram muito limitadas nesse período – com uma grande exceção: o Rio da Prata, onde o Brasil, como fez Portugal no século XVIII e no início do XIX, tinha interesse e estratégico.

O Brasil travou três guerras lá a primeira contra as Províncias Unidas do Rio da Prata, pelo controle da Banda Oriental (o que resultou na Independência do Uruguai), em 1825-[182]8; a segunda contra o ditador ar-

AO MESMO TEMPO

Bandas de música

Durante a Guerra do Paraguai, as bandas de formação militar. Aprenderam a ser soldados e

Fonte: Vainfas, et al (2018). Destaque realizado pelas autoras.

A respeito do 9º critério referente a presença de referências ou texto de rodapé, apenas o livro 2 atendeu aos requisitos. É de suma importância a presença de referências ao longo do texto pois ambienta o aluno a uma escrita científica e a compreender que as informações não foram “inventadas”, existe um autor no qual o autor do material didático

retirou as informações e identificou ao longo do texto de maneira com que os devidos créditos fossem dados. Pensando em uma aula virtual, a indicação das referências pode ajudar o professor a se aprofundar mais sobre o tema ou buscar alguma informação extra que pode ser interessante. Na Figura 8 há um exemplo da nota de rodapé do livro 2.

Figura 8: Apresentação de nota de rodapé explicativa.

... de Solano López, acabou de ser derrotado. Entre os prisioneiros e tripulantes, inclusive do presidente da província do Mato Grosso, Carneiro de Campos, o imperador brasileiro declarou guerra ao Paraguai.

Em seguida, os paraguaios invadiram o Mato Grosso e o norte da Argentina. Em resposta, Brasil, Argentina e Uruguai organizaram, em 1865, a *Tríplice Aliança*, que visava à deposição de Solano López e a definição de novas fronteiras na região.

De olho na tela

Guerra do Paraguai. Direção: Luiz Rosenberg Filho. Brasil, 2017. Neste filme, passado e presente se misturam quando um soldado, que volta da Guerra do Paraguai, encontra um grupo de teatro que vive nos dias atuais.

Netto perde sua alma. Direção: Tabajara Ruas/Beto Souza. Brasil, 2001. Conta a história de um general brasileiro ferido em combate na Guerra do Paraguai e que vai reencontrar antigos companheiros em um hospital argentino.

Mundo virtual

Dossiê Guerra do Paraguai. Conteúdo disponível no site da Biblioteca Nacional Digital, com fotos, artigos e os principais personagens do conflito. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/dossies/guerra-do-paraguai>>. Acesso em: 13 maio 2018.



¹ Essa afirmação é feita no livro: DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldito guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Várias das questões aqui levantadas sobre a nova visão do confronto são feitas baseadas na interpretação deste autor sobre o conflito.

Fonte: Vicentino e Vicentino (2018). Destaque realizado pelas autoras.

Os critérios de número 8 e 10 referentes à apresentação das causas, desenvolvimento e consequências da Guerra foram satisfatoriamente cumpridos.

O 11º critério que diz respeito à presença de temas e discussões interdisciplinares abre espaço para uma discussão muito importante e que ainda não tomou força nas salas de aulas e no fazer docente. Como demonstram Garrutti e Santos [2004], a interdisciplinaridade se aplica na sala de aula no sentido de desfragmentar a produção de conhecimento. Os documentos que nos ajudam a montar as aulas e repensar a prática didática como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e diretrizes, apontam sempre para um esforço interdisciplinar. No entanto, na formação acadêmica embora haja um esforço de pensar de maneira dinâmica entre as disciplinas, na prática, isso não acontece. Garrutti e Santos [2004, p.190] apontam que,

“portanto, a prática da interdisciplinaridade estabelece o papel de processo contínuo e interminável na formação do conhecimento, permitindo o diálogo entre conhecimentos dispersos, entendendo-os de uma forma mais abrangente. O enfoque interdisciplinar constitui a necessidade de superar a visão mecânica e linear [...]”.

Essa unificação do saber não anula as particularidades e importância que cada disciplina tem para a construção do saber. Na realidade, o que se pode observar, é que não se faz um esforço em formar uma visão global do mundo. O livro 3 é o único que atende parcialmente ao critério, pois levanta uma nova discussão a respeito das bandas de música do Exército Brasileiro. Não é uma relação direta com uma disciplina, mas levanta uma discussão diferente da disciplina História. Ainda, o material didático propõe ao aluno fazer uma pesquisa em seu bairro, ou seja, na sua realidade (Figura 9).

Figura 9: Apresentação de atividade a partir de nova discussão.

AO MESMO TEMPO

Bandas de música

Durante a Guerra do Paraguai, as bandas de música eram parte integrante dos batalhões e tocavam inclusive durante as batalhas.

As bandas dos batalhões dos Voluntários da Pátria não tocavam hinos ou músicas militares, mas composições populares. Seus músicos, como a grande maioria de seus soldados, vinham das camadas populares e não tinham

formação militar. Aprenderam a ser soldados e a usar uniformes e tocaram seus instrumentos marchando no campo de batalha.

Ao retornar da guerra, os músicos dessas bandas mantiveram costumes militares, como o uso de uniforme, costume que se mantém nas bandas de música popular no Brasil até hoje.



- Faça uma pesquisa sobre as bandas de música de seu bairro ou de seu município e, se possível, traga para a sala de aula uma gravação da apresentação de uma delas. Caso haja uma banda de música em sua escola, você pode optar por pesquisar sobre ela. Nessa pesquisa, procure destacar costumes de influência militar, como o uso de uniforme.

Fonte: Vainfas, et al (2018). Destaque realizado pelas autoras.

O último critério avaliativo, o 12º, diz respeito à apresentação de outros recursos tais como filmes, música etc. que tem relação com tema. Esse recurso pode ser extremamente importante pois, na aula remota, pode contribuir para um maior dinamismo. O livro 2 (Figura 10) atende satisfatoriamente ao critério, enquanto o livro 1 atende parcialmente pois

faz indicação de livros e artigos (disponibilizados somente no manual do professor). Já o livro 3, não atende ao critério.

Figura 10: Sugestões de recursos digitais.

De olho na tela

Guerra do Paraguai. Direção: Luiz Rosemberg Filho. Brasil, 2017. Neste filme, passado e presente se misturam quando um soldado, que volta da Guerra do Paraguai, encontra um grupo de teatro que vive nos dias atuais.

Netto perde sua alma. Direção: Tabajara Ruas/Beto Souza. Brasil, 2001. Conta a história de um general brasileiro ferido em combate na Guerra do Paraguai e que vai reencontrar antigos companheiros em um hospital argentino.

Mundo virtual

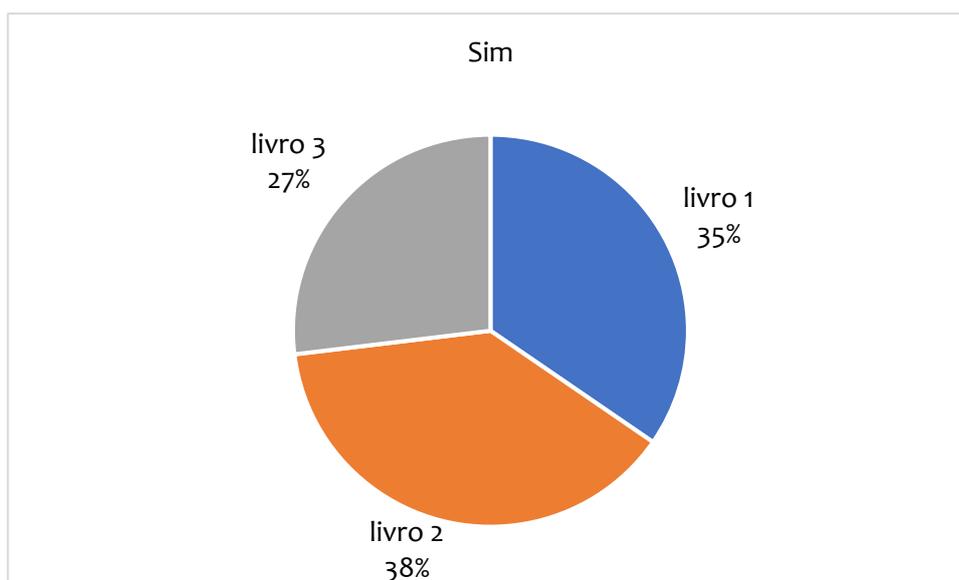
Dossiê Guerra do Paraguai. Conteúdo disponível no site da Biblioteca Nacional Digital, com fotos, artigos e os principais personagens do conflito. Disponível em: <<http://bdigital.bn.gov.br/dossies/guerra-do-paraguai>>. Acesso em: 13 maio 2018.

1 Essa afirmação é feita no livro: DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldito guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Várias das questões aqui levantadas sobre a nova visão do confronto são feitas baseadas na interpretação deste autor sobre o conflito.

Fonte: Vicentino e Vicentino (2018). Destaque realizado pelas autoras.

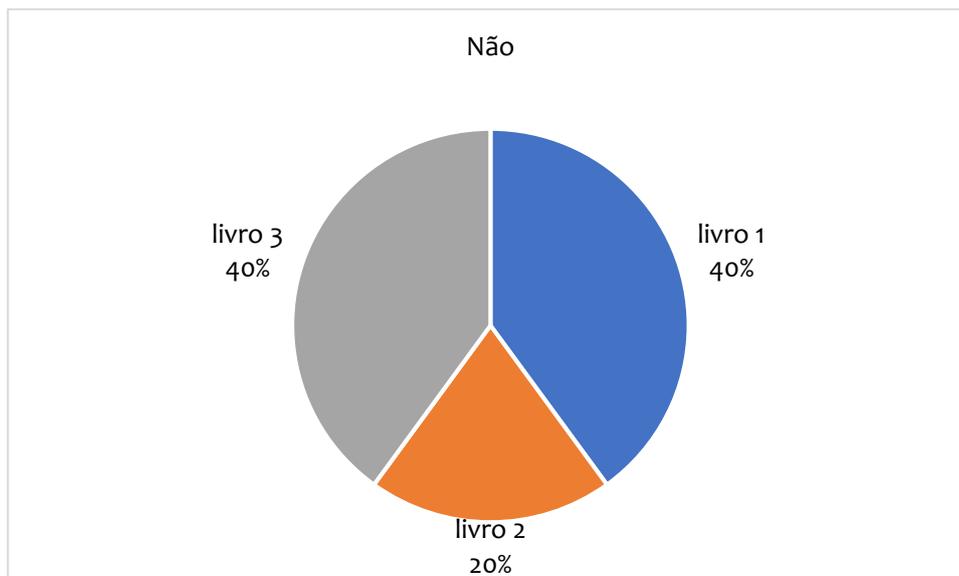
Nas Figuras 11 a 13 são apresentados uma visualização gráfica geral das respostas em porcentagem.

Figura 11: Apresentação gráfica da porcentagem de respostas “SIM” por livro



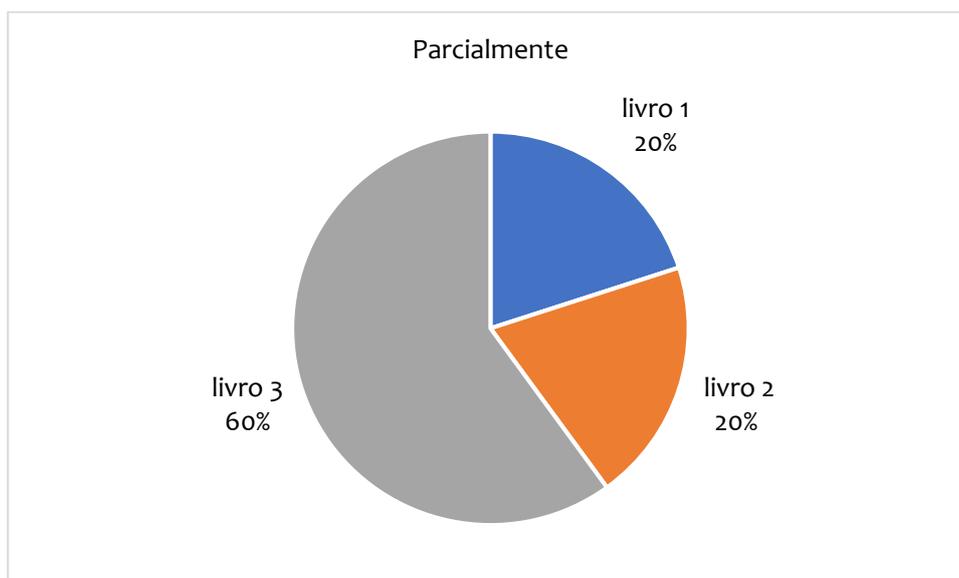
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Figura 12: Apresentação gráfica da porcentagem de respostas “NÃO” por livro



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Figura 13: Apresentação gráfica da porcentagem de respostas “PARCIALMENTE” por livro



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

5. Considerações Finais

A proposta deste trabalho foi fazer uma análise qualitativa do conteúdo referente a Guerra do Paraguai em três materiais didáticos selecionados do PNLD 2020, de modo com que se pudesse observar, de acordo com os critérios escolhidos, como o conteúdo era apresentado para os alunos do 8º ano do ensino fundamental.

Foi necessário trazer a este trabalho uma breve discussão a respeito da criação e implementação do material didático no país através de políticas públicas e da sua massiva compra pelo Governo Federal, sendo hoje considerado o maior comprador do país. Essa discussão foi importante pois traz a este trabalho um breve histórico da consolidação do material didático e de como ele é importante para a sala de aula.

Ainda objetivou-se contextualizar o contexto da Guerra do Paraguai em seus antecedentes, desdobramento e consequências de maneira com que se pudesse fazer uma análise dos materiais didáticos que privilegiasse a história da guerra, não somente com os aspectos didáticos, mas históricos. A análise e discussão de fontes e autores tais como Francisco Doratioto aponta para o esforço de construção de uma narrativa científica. Esse fator foi crucial para a análise dos materiais (veracidade histórica).

A análise dos materiais didáticos foi bem extensa e utilizou-se critérios que observassem atualização do tema, recursos didáticos e imagéticos, conteúdo teórico e interdisciplinaridade, resumidamente. Não se pretende criar padrões ou demonstrar qual coleção ou material é melhor ou pior, mas dentro do que se pretende desenvolver nesse trabalho essa análise foi necessária.

Tendo em vista os aspectos observados, verifica-se que a Guerra do Paraguai é um tema de extrema importância para a história do país e para a educação. Como conteúdo integrante do 8º ano, observa-se que o aluno poderá desenvolver a noção de formação de exército, desdobramento da guerra e compreensão das disputas de fronteira. Com essa pesquisa, as perguntas não cessam e nem todas as respostas serão dadas. Essa pesquisa poderá contribuir para uma maior reflexão, partindo dos docentes, de como trabalhar com o material didático na sala sem totalizá-lo, ou seja, sem tornar ele o centro do fazer docente e do processo-aprendizagem pois nele não se findam as discussões. Tratá-lo com um suporte didático potencializa outras discussões e outras ferramentas de ensino.

Referências

AFONSO, Bruna Reis. **Os livros didáticos produzidos durante a ditadura militar brasileira e a ditadura de Stroessner no Paraguai** [manuscrito]: o ensino de história e as versões da Guerra do Paraguai (1959-1983). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

BETHELL, Leslie. O imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai. **Estud. av.**, São Paulo, v. 9, n. 24, p. 269-285, 1995. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 agosto 2021.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar**. São Paulo: Saraiva, 3º ed., 2018.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: A Nova História da Guerra do Paraguai**- São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **O Brasil no Rio Prata (1822-1994)**. Brasília: FUNAG, 2. Ed., 2014.

GARRUTTI, Érica Aparecida, SANTOS, Simone Regina dos. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 4, n. 2, 2004.

JUNIOR, Arnaldo Lucas Pires. **Imagens em guerra: Imprensa, nacionalismo e formação do estado brasileiro na Guerra do Paraguai**. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**, Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>>. Acesso em: 20 agosto 2021.

SANCHES, Marcos Guimarães. A guerra: problemas e desafios do campo da história militar brasileira. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de História Militar**, Ano I, Nº 1, 2010, p. 6-16.

SILVA, Marcelo Soares Pereira da. O livro didático como política pública: perspectivas históricas. In: _____. (Org.). **Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas**. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. **A Retirada da Laguna**, 1874.

VAINFAS, Ronaldo, et al. **História.doc**. São Paulo: Saraiva, 2º ed., 2018.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. **Teláris história 8º ano: ensino fundamental, anos finais**, 1º ed. São Paulo: Ática, 2018.

Notas

ⁱ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que define o conjunto de aprendizagens necessárias para o desenvolvimento de um aluno na Educação Básica no Brasil. Esse documento estabelece um padrão de qualidade na educação, garantindo que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, direito de todo cidadão brasileiro. Para que esse padrão seja alcançado, o documento propõe Competências e Habilidades a serem desenvolvidas e adquiridas. Resumidamente, Competência é o que diz respeito aos conceitos e procedimentos para o conhecimento e Habilidade diz respeito às práticas cognitivas e socioemocionais no âmbito da vida cotidiana, mundo do trabalho e exercício da Cidadania. Todos esses aspectos são considerados importantes para o pleno desenvolvimento do aluno.

ⁱⁱ Batalhas ocorridas no Nordeste da então colônia portuguesa devido a ocupação holandesa entre os anos de 1648 e 1649. O mito fundador é atribuído ao sentido de que ali se nascia uma nação. 3 povos (português, africano e indígenas) se unem com um sentimento de defender seu território, o nascimento de um dever patriótico.

ⁱⁱⁱ Conflito ocorrido entre os anos de 1825 a 1828 entre o Império Brasileiro e as Províncias Unidas do Rio da Prata, atual Argentina, pelo controle da região conhecida como Cisplatina (antiga Colônia de

Sacramento), atual Uruguai. Culminou na independência do Uruguai, crise econômica no Império Brasileiro e o desgaste de D. Pedro I.

Sobre as autoras

Nicole Loureiro da Silva

Pós-Graduanda em Docência com ênfase na Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG). Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: nicole.silva@edu.unirio.br. ORCID: 0000-0001-7479-3996.

Deyse Almeida dos Reis

Pesquisadora graduada em Gestão da Qualidade e Ciências Biológicas, mestra e doutora em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Colabora em pesquisas científicas relacionadas às bacias hidrográficas, principalmente na bacia do rio Doce e do rio Paraopeba. Atualmente desenvolve pesquisas em algoritmos e novas abordagens metodológicas relacionadas à modelagem preditiva de nicho e distribuição de espécies arbóreas (em especial às espécies ameaçadas de extinção). E-mail: deysereis.reis@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6627-1247.

Recebido em: 04/04/2022

Aceito para publicação em: 11/07/2022